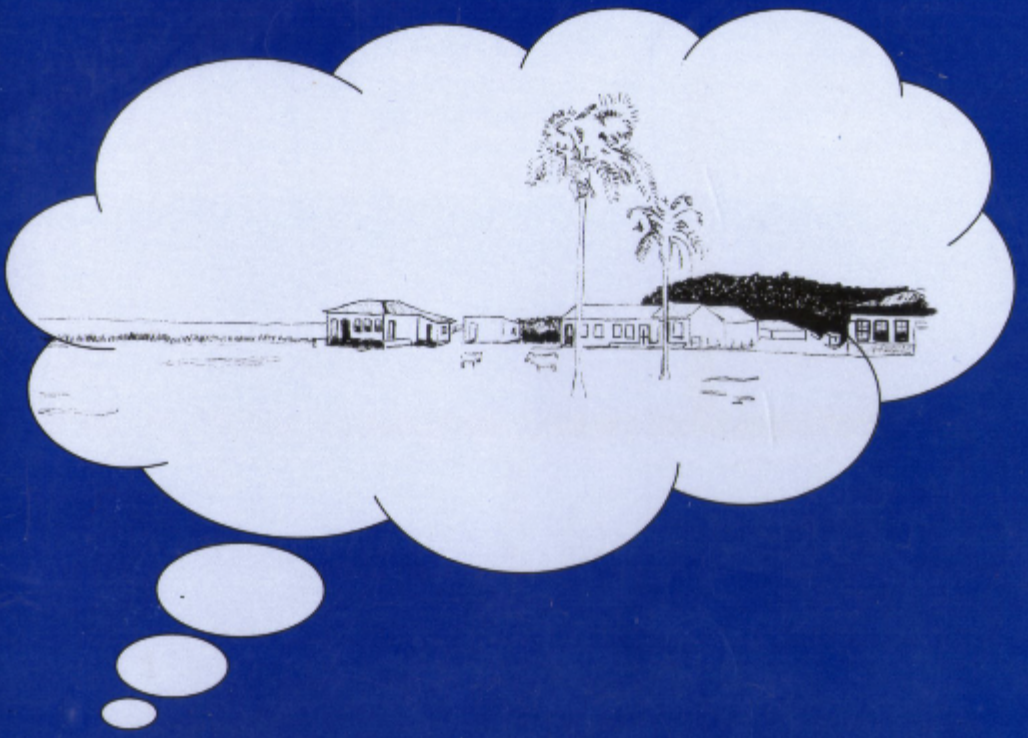

BELÉM QUE EU VI

Mary Vieira Pedroso

Belém Que Eu Vi é um relato agradável, carregado do sentimento de quem viveu com gosto e felicidade cada fato, personagem e ambiente e que abre para nós uma janela por onde vislumbramos um Belém Novo do passado, rico em sua singularidade de bairro distante.

Quem ler o texto não deixará de procurar, ao visitar Belém, os locais citados, evocando os personagens descritos, as situações e os fatos tão bem descritos por Mary Vieira Pedroso, a menina dos banhos de rio, da expectativa das caixas de doces da Confeitaria Rocco, dos frascos de Royal Briar, da boneca com cabelo de pelego. Quem, ao lê-la, não sentirá o frescor da várzea do Aeroclube numa manhã de inverno ou não deterá seus olhos no sino da igreja, esperando o toque para anunciar alguma chamada importante?

Belém Que Eu Vi resgata parte importante da história, um texto singelo que retrata uma época de certa forma ainda preservada no bairro, como a identidade própria, tão bem caracterizada no fato de, ao se deslocarem para o centro da capital, seus moradores referirem-se a estar indo a Porto Alegre.

Professor Luiz Fernando Coelho e Souza
Pró-Reitor de Extensão da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul

MARY VIEIRA PEDROSO

BELÉM QUE EU VI

Agradecimentos

A todas as pessoas que tornaram este livro realidade e, em especial, ao *Fundo de Miniprojetos da Região Sul*, que viabilizou financeiramente este projeto.

APRESENTAÇÃO

A memória extraordinária de Mary Vieira Pedroso transporta-nos para a vida cotidiana de Belém Novo e Porto Alegre, da sua infância, nos anos 30 e 40. A imaginação das crianças para fazer travessuras, os costumes e o comportamento das pessoas e das famílias contadas aqui com tanta graça, nos faz lembrar as coisas do nosso passado, mesmo que não o tenhamos vivido nem na mesma época, nem no mesmo lugar, acabando por sentir saudades daquilo que não conhecemos e nem vivemos.

Hoje a História tem se valido muito desses relatos que partem da memória de cada um para construir a memória coletiva e o imaginário social de uma época. Portanto partindo de relatos como esse de Mary Vieira Pedroso, é que podemos construir a história do cotidiano, conhecendo as práticas sociais de cada época e os locais onde estas se deram. Hábitos, costumes, modos de vestir, de se comportar, de passear, de brincar, enfim de viver, definem um tempo e seu lugar, que passam a ter um relevo especial, nessa perspectiva de análise.

Exemplos como esse devem ser incentivados e seguidos, para que possamos contar a história do cotidiano de nossa pesquisa.

Celia Ferraz de Souza
Professora da Faculdade de Arquitetura
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, 30 de agosto 1991.

Meu nome é Mary. Nasci dia 10 de março de 1924 aqui neste adorado Belém Novo.

Aproveitando minha boa memória vou contar histórias de minha vida.

Sou filha de uma família tradicional de Belém Novo. Éramos sete irmãos: Talita, Léa, Mauro, Eu, Clecy, Adda e João. Meus pais chamavam-se Heitor Vieira, Seu Totô, como era conhecido, e minha mãe Aida da Silva Vieira, Dona Dunga, como a chamavam.

Belém Novo era uma enorme fazenda que pertencia ao Sr. Antônio Inácio da Silva. Ele doou as terras para construírem a Igreja, a praça central, que hoje tem seu nome, e também para o Cemitério, um pouco mais afastado.

A sede da fazenda ficava numa parte mais alta, que mais tarde foi transformada em um hotel chamado Hotel Cassino. Assim foram surgindo os casarios em volta da praça. Como era e ainda é lindo meu querido Belém Novo!

Tinha um trapiche no rio em frente à praça, onde chegavam os barcos que traziam mercadorias e mantimentos para o comércio local ao mesmo tempo que levavam para outros lugares telhas e tijolos das muitas olarias que havia. O transporte era feito pelo rio porque a estrada era muito precária.

Em 1920 meu pai foi nomeado Subintendente de Belém Novo, era o 6° município de Porto Alegre, pelo então Governador Borges de Medeiros.

Como havia muitos roubos de cavalos e gado nesta região, em 5 de fevereiro de 1929, o então chefe de polícia, Harmênio Abreu, nomeou meu pai também para o cargo de Subdelegado deste Distrito. Meu pai com uma equipe briosa de guardas como seu Marcos, seu Arlindo, seu Juvenal, seu Alcides, seu Antônio, seu Oscar, seu Lôncio, seu Clovis, seu Bertolino, seu Otacílio e Tio Engrácio, irmão da minha mãe; com muito esforço e muito trabalho conseguiram combater os roubos e crimes.

Os maiores ladrões dessa época eram comandados por uma mulher que se chamava Joana Eira e morava clandestinamente na Restinga.

Graças a Deus terminaram os roubos e a paz voltou a reinar neste paraíso!

Na Praça Principal que fica na frente da Igreja tinha um corredor de coqueiros e plátanos que ia até o trapiche. O resto era um enorme campo onde, à noite, bois, vacas e cavalos depois de beberem água no rio, se agrupavam e dormiam, causando, às vezes, sustos e tropeços quando voltávamos de visita à casa da Vovó Chiquinha, em noites escuras.

O meu avô materno morava numa casa onde hoje é a madeireira, e tinha criação de gansos. Todos os dias os gansos atravessavam a praça até o rio e voltavam à tardinha um atrás do outro. Eram mais de trinta.

Em certa época do ano vinha um pássaro Colhereiro que pousava no banhado da praça, descansava um pouco e lá se ia embora.

Minhas irmãs e eu brincávamos o dia inteirinho no pátio de nossa casa. As mais velhas como a Talita, que cuidava de mim e a Léa, que cuidava de Clecy é que nos davam banho, trocavam nossos vestidos e colocavam muita brilhantina Coty nos cabelos, sempre cortados feito cuia com a franja bem curta. Então, como era fim de tarde, saíamos para passear e a Talita e Léa não querendo que fôssemos junto, nos assustavam dizendo que tinha um gigante do tamanho do eucalipto, que no entanto, parecia muito maior, então ficávamos com medo e voltávamos para casa e elas seguiam faceiras da vida pois não precisavam tomar conta de nós.

A nossa casa era um prédio de madeira muito grande, na esquina onde hoje é a delegacia, que na época parte era a delegacia e parte era nossa residência com o gabinete do pai bem no centro.

Eu aguardava o mês de dezembro ansiosa, pois minha querida madrinha vinha veranear e só voltava para o centro em março. Sempre trazia os vestidos, que por sinal eram muito bem feitos. Como eu ficava feliz porque assim já ficava pronta para as festas.

Em janeiro começavam as festas da Nossa Senhora de Belém. Como era bom! Imediatamente começávamos a nos preparar. Primeiro o banho no rio, que era limpo e gostoso, depois nos enfeitávamos para a festa.

As festas da Igreja começavam sempre com uma missa solene rezada em latim. À tarde havia uma grande procissão com a imagem da Santa, que todos acompanhavam com muita devoção. Ao lado da Igreja eram construídos dois coretos: um para a banda de música e outro para o leilão.

Quando a banda chegava para dar início a festa, primeiro ia até a frente de nossa casa e tocava uma música para cumprimentar meu pai, que era a autoridade local. Ele aparecia na janela, agradecia aí começava a festa. Nós adorávamos tudo isso que fazia parte da tradição.

A casa da vovó Chiquinha sempre estava cheia de parentes que vinham para as festas e já ficavam para veranear. Era tanta gente que quando a cozinheira aprontava o almoço, tocava um apito para chamar as pessoas.

Eu tinha e tenho até hoje uma amiga, a Jandira, que desde a infância sempre foi querida, sincera e boa. Como tínhamos a mesma idade e éramos muito parecidas meu pai dizia, brincando, que éramos gêmeas. Quando eu não estava com Jandira estava com minha irmã Clecy. Meu Deus! Como brincávamos!

No final da tarde, quando a mãe nos chamava para entrar, respondíamos: –"Ah mãe, que pena nós ainda nem brincamos".

Geralmente íamos fazer pequenas compras no armazém do seu Trajano ou do tio Midinho, sempre abraçadas com um braço em volta da cintura da outra. A Ada era muito esperta mas não brincava conosco porque era muito menor.

A nossa bisavó, D. Beija, era quem fazia nossos trajes de banho. Ela usava um tecido de algodão horroroso, tipo saca de farinha, até com o letreiro da marca do produto que embalava e que nunca apagava. No meu maiô estava escrito "Oscar" bem no peito.

Certa vez até uma tia minha comentou: "–Entra verão e sai verão e este letreiro não sai dos maiôs". Elas faziam estes comentários porque vinham veranear e traziam as primas com os maiôs mais lindos. Mas o que eu quero dizer é que com ou sem letreiros nós nos divertíamos tanto ou mais que elas.

Na frente da Igreja, nesse campo que chamávamos de praça, na primavera e no verão as senhoritas, rapazes e crianças brincavam de roda, chicote queimado e outras brincadeiras. As mães botavam as cadeiras na frente das casas e ficavam conversando enquanto brincávamos. Assim se vivia. Tão alegres e felizes.

Quando resolvíamos brincar de esconder, tocava sempre para pobre da Maria, filha da D. Iponina, a nos procurar. A gente se escondia quase embaixo do nariz dela e mesmo assim não nos encontrava. Lá pelas tantas, cansada de tanto procurar ela dizia: "– Apareçam gurias! Eu já tô cansada de procurá". Nós começávamos a rir do jeito dela falar ai ela nos achava.

Meu pai tinha um carro, um Ford Bigode, que nos permitia ir a todas as festas dos parentes que moravam no centro da cidade. As festas eram maravilhosas. Tinha grandes almoços e à noite baile com orquestra. Na volta, às vezes, era tão frio e o carro tão aberto que precisava nos cobrir com cobertores.

Minha mãe vinha atrás com a maioria dos filhos e, na frente; vinha meu Pai, o Mauro (meu irmão) e o Otacílio, nosso motorista. A pior parte era a várzea, onde hoje é o Aeroclube.

Nós não perdíamos principalmente o carnaval do centro. Eu era muito pequena mas a Talita e a Léa iam todas lindas fantasiadas de colombina. A tolda do carro era arriada e se colocava uma colcha onde as duas iam sentadas em cima. Quanta serpentina, confetes e lança-perfumes, ao que a Talita sempre acabava xingando quem a colocasse, pois era sempre mal-humorada e não aceitava brincadeiras.

A vovó Julieta, que criou minha mãe desde a idade de dois anos, morava numa chácara muito grande que ficava em Ipanema, onde agora tem O Clube do Professor Gaúcho. A casa dela existe até hoje na Estrada Juca Batista. No pátio de casa havia um pomar com muitas árvores frutíferas onde brincávamos quando íamos passar temporadas. Como nós gostávamos de ir ao armazém pela estrada comendo pitangas nas beiras de cercas!

À noite dormia-se cedo, mas lá pelas tantas nos acordávamos com os carreteiros que passavam com as carretas de bois cheias de lenha levando para a cidade. Iam cantando o "Boi Barroso" pois a jornada era grande.

Minha mãe gostava muito de nos levar a passear nos matos para colher pitangas. Como era divertido! Nós tínhamos a bondosa Otília, filha de D. Cotinha, que ajudou a nos criar. Uma vez, quando estávamos colhendo pitangas, a mãe olhou para um enorme buraco que tinha num barranco e viu uma porção de aranhas pretas e enormes, bem onde tínhamos que passar. Ela se adiantou e distraiu nossa atenção para outro lado e nós passamos correndo sem perceber o perigo.

No pátio de nossa casa tinha dois pés de umbu enormes, que de tão grandes dava para brincar de casinha nas suas raízes. Nos fundos do pátio tinha as cocheiras dos cavalos dos guardas. Nos cochos das rações as galinhas, que eram em grande quantidade, botavam os ovos. Quando chegava a tardinha, nós íamos colher os ovos carregando-os nas saias dos vestidos.

Nós tínhamos vacas que davam leite para o nosso consumo e se chamavam: Boneca, Faceira, Bordadinha e Estrela.

Nosso cachorro se chamava Duque e era todo branco com meia-lua preta no lombo. Coitadinho morreu caduco latindo para a lua cheia.

Era costume na entrada do inverno matar um boi para fazer charque e porcos para fazer linguiça, banha e torresmo. Então funcionava assim: quando uma família fazia a tarefa, dividia com as famílias amigas e passando algum tempo recebia o mesmo presente. Assim funcionou por muitos e muitos anos enquanto eram poucos moradores. Tudo foi mudando! As pessoas foram vivendo mais individualmente. Que pena, não? Meu Belém desta época era tão bom que eu queria que nunca tivesse terminado este tempo.

Na rua Carlos Flores esquina com a Jorge Mello Guimarães, existia um tambo de leite que era do tio Graciliano e da tia Alzira. Estou mencionando os nomes das rua só para localizar, pois naquele tempo só existia uma estradinha.

Eles tinham quatro filhos: Jaime, Alfeu, Gessi e Gisela. O tio Graciliano era uma pessoa muito prestativa e boa. Nas horas vagas costumava sentar num banquinho debaixo de uma figueira que existe até hoje, tomando seu chimarrão e pitando cigarro de palha.

Quando alguém perguntava por que não deixava de fumar, respondia: "– Até já pensei nisso, mas tenho medo de largar este vício e pegar outros piores". Quando ele saía de uma roda de amigos, sempre dizia esta frase: "– Fiquem falando de mim que eu sozinho depois falo de vocês todos".

O mais novo de meus irmãos é o Joãozinho. Quando ele estava para nascer, foram chamar vó Julieta e ela chegou de charrete já à noitinha e fazia muito frio.

Começaram os preparativos para o parto, o fogão à lenha era aceso e colocado muita água para ferver, que até hoje eu não entendo para quê. Meu pai chegou logo com a parteira D. Teodora.

A nossa tia Dejanira tratou logo de nos pôr na cama para dormir. Eu e Clecy dormimos juntas na mesma cama. Lá pelas tantas eu fiz xixi. Acordei e quis bancar a esperta, chamei Clecy e disse: –"Vamos trocar de lugar?" ela prontamente aceitou, mas o que eu não esperava, é que ela também tinha feito xixi na cama. Nós choramos tanto com medo de apanhar que acabamos acordando nossa irmã mais nova, a Ada.

Sempre rezavam terços pelas pessoas falecidas. Vinha uma velhinha cega, a D. Vicentina, que andava sempre com seu cachorrinho Lulu. Este tinha um guizo atado no pescoço. Quando ele se coçava, fazia barulho e ela interrompia a oração e falava:
"– Quieto Lulu". Ela morava longe e vinha de charrete todos os meses para rezar. Reuniam-se cada vez numa casa. As vezes era na Igreja. Aquela escuridão toda, só as velas acesas, poucas pessoas, era de dar medo.

Três ou quatro pessoas de cada família compareciam à cerimônia. Sua intenção era de proceder às orações, já que no inverno era difícil aparecer um padre por aqui. Mesmo assim um grupo e senhoras beatas tratavam de proibir sua vinda.

Nós cortávamos nossos cabelos num barbeiro, seu Salustiano, e o nome do corte era "À LA DEMI", que deveria ser um corte francês porque ficávamos "muito lindas".

Uma vez, seu Salustiano jogou na loteria estadual e acertou. Recebeu como prêmio vinte e cinco mil réis. Aí, quando a gente ia cortar o cabelo ele dizia: "– Ah! Minha filha agora eu estou meio parado estou ficando míope!" Quando o dinheiro acabou ele ficou enxergando mais do que nunca.

Seu Salustiano era avô da minha amiga Jandira. Ele formou com seus filhos uma orquestra e ensaiavam todas as tardes numa sala extremamente limpa por D. Doquinha, sua mulher. Ela era uma pessoa muito meiga e doce. Na orquestra seu Salustiano tocava bandonion, o Júlio tocava violão, o Maneca violino e o caçula Jaci tocava cavaquinho. Uma das músicas que eles mais tocavam cuja letra me deixava muito preocupada era assim:

É de upa e upa,
É de upa e upa,
É de upa e upa
Rola, Rolinha
Quando eu ser rei,
Tu "serrás" minha rainha.

Com esses erros todos tão carregados parecia que iam cortar a rainha ao meio e na minha inocência, eu ficava muito preocupada.

A atual Av. Heitor Vieira era a principal de Belém Novo. Na época era muito estreita e da esquina com a rua Carlos Flores até a outra esquina tinha um casario que chamavam as casas da Nossa Senhora, pois pertenciam à Igreja e sempre moravam nelas pessoas necessitadas. Foram passando de famílias para famílias e ainda existem, porém bem descaracterizadas.

No meio da avenida tinha uma figueira que antes ficava do lado da rua.

Todas as famílias tinham em frente às suas casas uma cacimba onde entravam uma barrica de madeira e a água ficava acumulada servindo para as necessidades de cada casa. Meu Deus! Quanta briga dava quando um mexia na cacimba do outro.

Uma senhora bem velha foi, certa vez, tirar água e escorregou caindo de cabeça. Coitada, além de ficar numa posição triste, estava desprevenida, sem nada por baixo do vestido. Quando foram socorrê-la, depois de se refazer do choque comentou: "– que vergonha, melhor seria se me tivessem deixado morrer".

Para ajudar os maridos no orçamento doméstico, as mulheres iam lavar a roupa de casa e de outras pessoas. A areia da beira do rio se transformava em um imenso quarador. Algumas, que enviuvaram, até criaram seus filhos nessa tarefa tão fatigante. Eram criaturas muito queridas e de muito valor.

Depois do café da tarde se reuniam e era uma romaria em direção ao morro, onde hoje é o fim da linha do ônibus, embrenhando-se nos matos para mais tarde voltarem com os fechos de lenha nas cabeças, cortados a facão com tanto sacrifício. Só existiam fogões à lenha. Parece que ainda hoje as vejo com expressões alegres nas faces. Que Deus as abençoe!

Em todo lugar sempre tem pessoas que passam dificuldades financeiras. Aqui em Belém também não é, nem foi diferente. Havia uma família, a da D. Luiza, que todas as semanas vinha até a nossa casa e falavam assim: "– Dona, a senhora não tem uma coisinha para me dar? O meu marido 'tá mali', no fundo da cama". Eu ficava imaginando que fundura teria esta cama.

Minha mãe muito generosa pegava feijão, arroz, farinha, pão e mais algumas coisas e dava a ela. E assim foi por muito tempo até que seu Zulmiro, marido dela, ficou bem de saúde e arrumou um emprego longe daqui.

D. Luiza não foi ingrata, isso não foi mesmo, mandou um bilhete agradecendo, naturalmente que não escrito por ela, mas valeu a intenção. No bilhete ela agradecia e ao mesmo tempo pedia para que ficasse a sua sogra recebendo os benefícios em seu lugar e tudo continuou a mesma coisa.

Em todos os fim de meses meu pai e o Otacílio, que era o motorista, iam ao Tesouro do Estado buscar seus honorários e dos guardas. Nós ficávamos alegres esperando a sua volta. Ele sempre trazia duas caixetas de doce: uma de goiabada e outra de marmelada, das bem grandes, um cacho de bananas e uma enorme bandeja de doces da confeitaria Rocco, um frasco de perfume "Royal Briar" e um pote de brilhantina Coty.

Como era linda a hora do almoço em nossa casa! Era uma mesa bem grande, na varanda, uma toalha muito branca, meu pai sentado na cabeceira, minha mãe ao lado, o Joãozinho na cadeira alta e os outros seis, todos em volta. São coisas que por mais que se viva não se esquece.

No inverno a mãe nos mandava cedo para a cama. Aí vinha o Joaquim, filho da tia Sinhá, com a cuia de chimarrão e uma chaleira cheia de água quente. Ele sentava-se numa das camas de nosso quarto e começava a contar histórias como a do Joãozinho e Maria, Chapeuzinho Vermelho, Gata borralheira e outras. Parece que estou vendo ele levantando a mão e dizendo: "– Lá vai Joãozinho e Maria pela mata afora...". Eram histórias longas pois ele fazia pausa para tornar chimarrão e fazer suspense, os finais sempre tristes nos faziam chorar, mas a gente jurava que isso era divertido.

Quando começaram a fazer as estradas aqui em Belém Novo, os trabalhadores traziam de casa as marmitas com suas comidas e guardavam, até a hora do almoço, na Delegacia, que deveria ser o lugar mais seguro. Nem tanto pois a Talita e a Otília deixavam a mãe se distrair e entravam pela porta e provavam uma por uma das comidas dos pobres homens, mesmo sabendo que se a mãe descobrisse... Meu Deus!

Certa vez, Talita lavando a louça e a Otília secando e guardando, arrancaram não sei como a alça de uma xícara. Não tiveram dúvidas, derreteram um pedaço de sabão e colocaram na xícara ficando quase perfeito. No outro dia, no café da manhã, para o azar delas tocou logo para a mãe a tal xícara.

Ela nem notou nada e se serviu. Quando foi levar o café à boca, a alça descolou e foi aquele estrago na mesa, vestido e chão, tudo molhado com café. A mãe levantou-se rapidamente e perguntou quem foi. A duas começaram a chorar. Não precisou mais nada, entraram no castigo.

Todos os dias soltavam, do tambo do tio Graciliano, os terneiros para pastar e sempre ia junto um carneirinho. Certa vez este se desgarrou e veio pastar bem perto da nossa casa. O Joãozinho e Ada, bem pequenos, pegaram uns pedaços de pau e foram cutucar o bichinho, que enfurecido investiu contra eles. A Ada subiu num portão, mas o João ficou no chão e foi atingido por várias cabeçadas, que mais tarde lhe custou uma cirurgia feita pelo Dr. Braga Pinheiro, no Hospital São Francisco, o animalzinho foi sacrificado.

A maior diversão do meu pai e seus amigos era sair para pescar e acampar numa das ilhas que fica bem na frente de Belém, que deram o nome de ilha do seu Totô, apelido de meu pai.

Quando saiam deixavam uma recomendação: "– Se por acaso, acontecer alguma coisa, algum imprevisto toquem o sino da Igreja ou então abanem com um lençol lá da torre". Neste tempo não tinha padre em Belém. Certa vez tivemos que usar este método para chamá-los pois minha irmã Léa ficou muito doente. Funcionou pois eles vieram imediatamente.

Numa noite de lua cheia, a Talita, a Léa, a Clecy e eu estávamos dormindo num quarto que ficava do outro lado da casa. Ouvimos os cachorros latirem desesperadamente. A Léa que era mais valente abriu a janela e deu um grito de horror. Nós corremos para ver o que tinha acontecido e não sei se foi o medo que nos fez enxergar um enorme bicho encostado na parede da casa e os

cachorros avançando sobre ele. Quando conseguimos nos desfazer do susto chamamos o pai mas o tal bicho já tinha se afastado. Nunca ficamos sabendo o que era. Acho que foi uma lenda para nós.

Quando quiseram instalar as linhas telefônicas aqui em Belém, procuraram meu pai para indicar um local. Ele foi na casa da D. Corina que tinha três filhas: A Altiva, a Maria José e a Francisca, que tinha o apelido de Moza e falou!

"– A senhora que tem suas filhas tão habilidosas, aceite este serviço para elas".

No primeiro momento D. Corina vacilou, mas consultou os outros filhos e resolveu aceitar. Por muitos anos o Centro Telefônico funcionou na casa delas com serviço via telefonista.

O primeiro colégio que frequentei era o da professora Delícia Diogo dos Santos. Era ótima professora e dava aula sozinha da primeira à sexta série. O colégio ficava do lado esquerdo da praça, bem em frente ao rio, numa casa depois adquirida pelo Sr. Alcides Gomes.

Meu irmão, Mauro e eu parecíamos papagaios decorando e repetindo as lições que o Otacílio lia para nós, pois não sabíamos ler.

Certa vez, na frente da banca examinadora, meu irmão abriu o livro na página da história da "Guiomar e Júlia" e leu a história do "Pobre Ângelo" que ele sabia de cor, inicialmente ele foi aprovado mas quando viram o engano deram-lhe um enorme zero.

Sempre eu era chamada para recitar versos na "hora de Artes" da escola. Um deles era mais ou menos assim:

Eu tenho um gatinho
chamado Cetim,
alegre e mansinho
ele gosta de mim.
Bem cedo na cama
faz, ele, miau
e tanto me chama,
Até fica mal.
Inventa brinquedos,
E pula no chão,
Eu fico com medo
Não tenho razão?

Certa vez teve um churrasco muito grande na praça com a presença do então Governador Gel. Flores da Cunha. Sinceramente, não lembro qual de nós fez o pedido para construção do Grupo Escolar. Não demorou e ele mandou construir o colégio que recebeu o nome de sua excelentíssima mãe: D. Evarista Flores da Cunha. Foi de muita valia para nós, pois conseguimos concluir o primário neste colégio.

Uma certa família rica resolveu morar em Belém. A senhora chamava-se D. Genoveva que tratou logo de construir um prédio para o cinema.

No dia da inauguração meu pai recebeu o convite especial para cortar a fita já que era a autoridade máxima. Ela mandou uma banda de música buscá-lo lá em casa. Eu lembro bem: a banda chegou na frente de nossa casa, tocou uma música e em seguida

começou a caminhada em direção ao cinema. Nós íamos na frente com o pai e a banda tocando atrás. O pai todo elegante, a Talita, a Léa, eu e o Mauro, (este sempre com os sapatos trocados). O Mauro ao sair sempre perguntava para os guardas se os sapatos estavam colocados certos. Eles se olhavam e respondiam ironicamente: "– Oh! Camarada, estão sim". Quando ele via que era deboche, juntava um monte de pedras e jogava neles.

Eu lembro até do vestido que usei na inauguração do cinema. Era verde-água com estrelinhas brancas, sapato neste ano apertado, pois quando se comprava um sapato ele era folgado para servir bastante. Depois ele ficava bom no pé e tempos depois usava-se apertado, como era o caso.

Minha mãe ficou em casa com filhos pequenos.

Feita a inauguração, começou o filme que, como não poderia deixar de ser, era "de mocinho" e mudo. Um violino tocava o tempo todo, ao lado da tela, uma valsa ora lenta, ora rápida conforme o desenrolar do filme.

Numa das cenas do filme, o "mocinho" conseguia tirar a "mocinha" das mãos do bandido e já estava entrando na porta do rancho, porém atrás de um arbusto estava o "bandido" pistoleiro de tocaia. Um amigo nosso, cujo apelido era Nenê, filho da D. Cotinha, levantando-se corajosamente na plateia e gritou "– cuidado atrás da moita!" casualmente nessa hora o "mocinho" olhou para trás e acertou um tiro no "bandido". Nenê, solenemente, falou: "– Viram? Foi porque eu avisei!". Neste momento, que era de grande suspense e silêncio, rompeu-se então uma gargalhada só.

Outra família que veio morar aqui foi a família Breyer. Seu Hugo, D. Carolina e seus filhos eram muito distintos, descendentes de alemães, muito colaboraram para o progresso do lugar. Suas filhas, muito prendadas, ensinavam as moças daqui a bordar, tricotar e outras habilidades. Eu mesma com nove anos, aprendi a tricotar graças a D. Elza e hoje tenho uma profissão.

D. Elza era uma das filhas mais velhas e foi quem organizou o coral da Igreja. Todas as terças e sextas-feiras lá estava ela batendo o sino para chamar as moças que formavam o coral para os ensaios. Nas missas de domingo cantávamos com nossas vozes bem entonadas e ela acompanhava no órgão.

Quando o tio Morem foi festeiro da festa de Nossa Senhora de Belém, D. Elza me preparou meses e meses ensaiando a "Ave Maria". No dia da missa solene ela me fez cantar sozinha. Fui muito bem, tanto que quando desci as escadas do coro ali estava meu tio para cumprimentar-me. Falou que eu tinha boa voz e que deveria continuar cantando. Infelizmente foi impossível.

Do lado direito da praça havia um casarão que chamávamos de quartel porque unia os soldados, depois de fazerem suas manobras ficaram alojados ali. Anos depois veio morar neste prédio o meu tio Eráclito, o Laco, e sua família. Tia Zeca, que vive até hoje e está com 94 anos lúcida e linda, é uma pessoa maravilhosa que a gente só tem vontade de beijar seus filhos, Maria Liana, Ester, João e as gêmeas Zaida e Zaira com as quais eu brincava muito.

Certa vez nós estávamos no fundo do pátio que fazia divisa com seu Trajano, só separado por uma cerca toda coberta de Flor de São João. Quando olhamos para o pomar dele, com aqueles pêssegos maravilhosos, não resistimos e pulamos a cerca

para colher alguns pêssegos e fomos comer, escondidas embaixo das árvores. Estávamos no melhor da festa quando olhamos para o lado e lá estava o velho de olho em nós. Perdemos a fala e com os olhos esbugalhados nós o fitamos ao que ele falou: "– Desta vez passa, mas da próxima vou contar ao pai de vocês!".

A minha prima Maria, muito habilidosa, fazia umas bonecas muito lindas de pano. Certa vez ela fez de presente uma com vestido, sapatinho e tudo. Eu lhe dei o nome de Dirce. Então resolvi usar minha criatividade e fazer outra boneca. Sentei-me no tronco do Umbu do pátio de nossa casa e comecei o trabalho que levou mais ou menos seis dias. Quando ficou pronta, o corpo muito fino, as pernas e os braços muito compridos, os olhos muito grandes e o sorriso permanente, fiquei imaginando qual seria a cor dos cabelos. Sentei no muro para pensar. Bem ali, no lado de fora do pátio tinha uns cavaletes onde os guardas colocavam os arreios dos cavalos e enormes e lindos pelegos ao sol para ventilar. Eu tinha várias opções de cores como o preto, marrom, branco e amarela. Então peguei uma tesoura e cortei um pedaço do pelego amarelo. Dei um enorme prejuízo ao dono, mas minha boneca ficou lindíssima loira. Dei-lhe o nome de Maria Helena. O único problema é que sempre ao sair com ela tinha que colocar um lenço nos cabelos para que não descobrissem minha travessura.

Minha irmã mais velha, Talita, quando estava ficando mocinha arrumou um namorado. Como só tinha dois horários de ônibus daqui para o centro e vice-versa, um na parte da manhã e outro na parte da tarde, ele vinha visitá-la na parte da manhã. A mãe, atarefada com o almoço, me chamava e mandava que eu ficasse sentada fazendo sala, pois não se deixava o casal a sós. Aquilo era um castigo para mim. Olhando pela janela e vendo as outras brincando lá fora, eu não me conformava e chorava o

tempo todo. Que triste tarefa, raios! Todos os Sábados pedia a Nossa Senhora que lhe fizesse ter uma dorzinha de barriga, não precisava ser muito forte, só para ele não vir, assim eu ficaria livre. Para minha sorte, como ele tocava violino muito bem, foi convidado para tocar numa orquestra e viajou para o exterior. Nunca mais tivemos notícias dele, para tristeza de minha irmã e para minha liberdade.

Em mais ou menos 1930 houve uma revolução em Porto Alegre. Meu pai foi chamado para participar. Reuniu todos os guardas, que nesta época usavam fardas com perneiras e espadas bem lustradas, e foram. Quando voltaram, as pessoas se reuniram para ouvir o que tinham para contar. Um dos guardas, o seu Arlindo, que era pai da minha amiga Jandira, comentou que: "– O tiroteio era tão forte que até puxei o quepe para os olhos com medo de ser atingido".

Meu avô paterno era dono de um cartório.

Anos depois a minha avó Francisca veio dirigir um cartório em Belém. Era escrivã e era quem fazia os casamentos, usando para se locomover uma charrete com um cavalo chamado Iguaçu. De quando em quando ela chegava em nossa casa e pedia: "– Dunga, deixa uma das meninas me acompanhar para realizar um casamento!". Então ela vestia um lindo manteau de seda preto e eu, o meu uniforme do colégio, que era a melhor roupa que tinha. Embarcávamos na charrete e lá íamos. Eu, toda orgulhosa, carregando um enorme livro de registro e minha avó tocando o cavalo. Quando chegávamos à casa onde ia se realizar o casamento minha avó abria o livro e com toda solenidade iniciava a cerimônia.

Após o registro era a vez do juiz, que se chamava Olinto Borges, um homem muito simples que dizia: "– Então os declaro "legistismamentes casados!" esses é que não faltavam.

Em cima da escrivaninha do escritório da vovó tinha dois anjos de porcelana muito lindos e grandes, um azul e outro rosa. Eles carregavam uma enorme bola nos ombros. Nós éramos proibidas de entrar no cartório para não mexer em nada nem fazer travessuras. Quando conseguíamos entrar por alguma razão, eu ficava olhando para os anjos e não sei porque sentia tanta pena deles.

Em dia de Finados era aquela romaria ao cemitério. As minhas irmãs mais velhas iam com as amiguinhas para namorar. Tinha um senhor, que não lembro o nome, só sei que morava no Chapéu do Sol, que ia de sepultura em sepultura e se parava a ler em voz alta as frases nelas escritas. Sua voz era grave e pausada como se estivesse discursando. A Jandira e eu acompanhávamos emocionadas. Imaginem que divertimento!

A D. Malvina, comadre da vó Chiquinha, tinha um filho que se chamava Abílio. Ele tinha uma namorada, a Marina. Quando chegava do trabalho ia para a janela tocar bandolim. Como era romântico! Sua amada morava do outro lado da praça e debaixo de um caramanchão passava roupas dando longos suspiros ouvindo aquela mensagem musical.

Sempre vinham brincar conosco o José que tinha o apelido de Zé peru porque tinha um olho de esguelha, e também a Terezinha, uma vizinha da Otília, que todos chamavam de Zinha. Quando eles chegavam no portão de nossa casa já iam avisando: "– Nóis não queremu sê filho da Coleci (como chamavam a Clecy) purque ela bate muito na gente".

A Clecy, muito arteira, certa vez subiu numa goiabeira para apanhar goiabas e caiu lá de cima dando um enorme arranhão na perna. A Zinha, vendo o tombo riu tanto que parecia uma mosca na vidraça. A Clecy ficou tão brava que fez ela subir em cima da árvore e sacudiu tanto os galhos que a menina parecia uma macaquinha agarrada gritando por socorro. Mas era tudo brincadeira.

Tinha um senhor que se chamava João Loló e que criava porcos e galinhas para livrar o sustento da família. Certa vez seu Antônio e seu Maneca, querendo fazer linguiça, foram até a casa do seu João Loló para negociar um porco. Lá chegando gritaram do portão:

– Ó de casa !

– Se acheguem, tô aqui no galpão, venham tomá um chimarrão – E aí começou a conversa.

– Viemo vê se o senhor tem um porco pra gente negociá.

– Eu não tenho. Quem tem é muié. Muié, os home querem compra a tua bichinha. Quanto tu qué por ela?

– Vendo por dois mil, respondeu D. Maroca, que pegou uma concha de milho e botou na saia do vestido. Levantando a beira do mesmo, começou a sacudir e a chamar a bichinha. "–Choqui, choqui, choqui!" Só que D. Maroca estava desprevenida por baixo do vestido. Quando João Loló viu aparecer alguma coisa que ele não queria que ela mostrasse gritou desesperadamente:

- Baixa muié, baixa.

D. Maroca não entendendo que era para baixar o vestido e pensando que ele falava do preço do animal respondeu:

- Não baixo não. Ela é preta, é pelada mas é minha. Se seu Antônio ou seu Maneca não quizé tem quem qué.

A primeira vez que fizeram carnaval em Belém, a rainha foi a senhorita Rozalina Pires, que era veranista. No segundo ano escolheram uma moradora daqui, que se chamava Adelina Moreira, apelido Keti. Ai sim que foi um carnaval lindo. Ela usou um traje típico de rainha mesmo. O vestido era todo branco com muita armação um manto de veludo vermelho com arminho branco fazendo contorno. A Jandira e eu éramos as aias e segurávamos com muito orgulho o manto da rainha. Foi feito até uma marcha em sua homenagem. A letra era assim:

Óh! Soberana,
Vem dar a luz do teu olhar,
Vossos vassalos
Sem ela não podem passar.
Oh! Alegria!
Com um sorriso ideal,
Vem entusiasmar
O nosso belo carnaval.
Não faltava harmonia,
Neste reinado só de alegria.
Oh! Soberana, és ideal,
Para animar o carnaval.

No Chapéu do Sol, uma localidade perto daqui, os moradores também escolheram a sua rainha do carnaval e nos convidaram para participar do baile. A saudação deles para a rainha, foi mais simples que a nossa, mas nem por isso menos cerimoniosa. A rainha chamava-se Sueli e a saudação era assim:

– Soberana, onde estás tu?

– Ali.

– Uma salva de palmas para Sueli.

Dizendo assim, todos apontavam na direção da rainha e batiam palmas. Que emocionante, não?

Uma vez por mês tinha baile onde se dançava a "roda de meia canha". Os pares formavam um grande círculo no meio da sala e entrava um par de cada vez para dentro da roda e diziam cada um o verso mais romântico possível.

A Léa foi convidada a participar e a Talita, muito enciumada, ficou o tempo todo em volta dela repetindo "– D.Pedro II, D.Pedro II, senão eu conto para a mãe". A Léa teve que declamar um verso nada romântico que dizia assim:

Atirei um limão verde,
De tão alto foi ao fundo
Os peixinhos responderam
Viva D.Pedro II.

Lindo não ?

A sala onde se realizavam os bailes era retangular e comprida. Colocavam cadeiras em toda volta do salão para as mães ficarem sentadas observando suas filhas.

O seu Quincas gostava muito de dançar, só que a maneira dele era muito cansativa. Ele pegava a dama e colocava o braço em volta da cintura e o outro era tão esticado para cima que a moça tinha que ficar nas pontas dos pés para alcançar a mão dele. Assim ele ia num trote, meio marcha, da porta até o fundo da sala. A moça, quando chegava no fim da sala, pensava que viria de frente na volta, mas que nada, ele dava meia volta e começava tudo de novo. E dê-lhe marcha!

Certa vez seu Quincas tirou sua esposa, D. Arieta, para dançar. Ela era uma senhora muito bonita e elegante. Usava vestido de seda preto, com uma capinha curta cobrindo os braços e toda a beirada bordada em bicos formando folhas. Quando levantou o braço, na dança com seu Quincas, ficou toda esvoaçante, linda! D. Julieta enciumada, por não ter dançado a noite inteira, comentou: "– Eiê, que mais parece um aribu!". Era pura inveja porque D. Arieta estava mesmo lindíssima.

Quando meu pai entregou o cargo de delegado ao sobrinho do Governador Flores da Cunha, o Sr. Rivadávia Correia, nós tivemos que entregar a casa, que pertencia ao Estado, às pressas ao seu novo ocupante.

Enquanto não encontrávamos outra casa fomos morar com a vó Chiquinha, em sua casa que ficava na beira do rio, do outro lado de praça. Levamos o que podíamos pois o tempo era pouco, as galinha, os patos e porcos não puderam ser levados e então tivemos que soltá-los na praça. Para nossa "sorte" os vizinhos e parentes eram muito bondosos e prestativos e nos ajudaram comendo os bichos no almoço e jantar. Mas era só para nos ajudar.

Na casa da vó Chiquinha trabalhavam dois pretinhos: a Beia e o Olavo. Eles carregavam água e varriam o pátio, que era enorme cheio de laranjeiras, pessegueiros e bergamoteiras, até a praia. Aos sábados, como sempre vinham visitas, a vovó pedia para eu e o Mauro ajudar a varrer. Eu, que não era acostumada com isso, achava um castigo e ao invés de fazer logo, sentava no barranco à beira do rio e lamentava – "Meu Deus! Faça com que estas folhinhas criem pernas e saiam correndo para dentro do rio e nos poupe deste trabalho". Só que este milagre nunca aconteceu!

Finalmente veio a transferência do pai para a fiscalização da Prefeitura de Porto Alegre. Nós choramos muito pois não queríamos sair de Belém. Fomos morar na rua Gal. Auto 224 e estudar no colégio Paula Soares, felizmente por pouco tempo pois logo o pai foi transferido de volta para Belém. Passamos a morar na casa de D. Titi, uma casa grande que ficava na esquina onde hoje é o Lunardelli. Nós brincávamos nos fundos do terreno onde tinha um galpão. Fazíamos nossas casinhas, comidinhas e tudo. Quando a mãe ia fazer sesta, pegávamos os lençóis velhos, que ela guardava num malão para costurar. Nós cortávamos e fazíamos roupinhas para as bonecas e também guardanapos para enfeitar as caixas que serviam de prateleiras.

Tínhamos uma amiga que era muito mandona e muito má, a Estelita. Certo dia eu estava distraída fazendo meus bordados e comentei com a Clecy: – "Graças a Deus hoje a Estelita hoje não veio brincar". Quando eu levantei os olhos ela estava bem ali, parada na porta e disse: "– Aí hein! Falando de mim!" Eu mais que depressa respondi para emendar:
– "Eu já tinha te visto ai, sua boba!"

“Que susto! E que mentira!”

Nesse mesmo galpão, o Sr. Breno Caldas, guardava um carro velho que ele usava para ir ver suas terras, que havia comprado no Arado, por intermédio do meu pai. Às vezes, quando ele chegava estávamos brincando dentro do carro. Ele batia na porta e dizia: “– Vizinha, me empresta o carro para eu dar uma volta”. Ficávamos muito encabuladas com isso. Para vir do centro até Belém ele usava um lindo “V8”.

Minha mãe era uma pessoa muito organizada. Enquanto meu pai teve cargos elevados a nossa vida era muito folgada, depois apertou um pouco e tínhamos que ajudar. A mãe dividia as tarefas de casa com todos nós. “Mauro, Mary, Clecy vão varrer o quintal". Eu acostumada na boa vida, não me conformava de trabalhar e fazia proposta para Clecy: –“Eu te dou dois vestidinhos de boneca se tu varreres a minha parte". Ela, com sua bondade infinita, aceitava eu ficava na folga.

As tardes pareciam ser maiores. A mãe se reunia para sentar na frente da casa com nossas amiguinhas para fazermos trabalhos manuais como tricot, crochet, etc, ensinados por D. Elza. A Clecy tinha apenas nove ou dez anos e já estava bordando uma linda toalha de chá. Uma senhora veranista, mãe do seu Alcides Gomes, passou pela frente da casa e fez o seguinte comentário: "- Dona, manda a sua filha brincar, ela é tão novinha". Mas éramos nós mesmas que queríamos fazer estes trabalhos.

O meu Belém, que eu não troco por nenhum lugar deste mundo, está ficando triste, com as margens do rio todas ocupadas clandestinamente. E dizer que este lugar já foi um dos balneários mais procurados por sua beleza natural e tranquilidade! Tem um pôr-do-sol lindíssimo, pena que não possa mais se apreciÁ-lo na “volta do morro”, pena mesmo!

Está aqui documentado tudo ou quase tudo que lembro que se passou na minha infância.

Tenho agora sessenta e sete anos bem vividos.

Muito obrigada meu bom Deus!

Dedico estas histórias da minha vida aos meus adorados filhos Antônio, Romeu e Regina; ao meu querido marido Romeu; aos amados netos David, Ana Luiza, Rodrigo, Bruna e Bianca e ao meu genro e noras.

Esta versão eletrônica da obra "Belém que eu vi", de Mary Vieira Pedroso, foi realizada voluntariamente e sem fins lucrativos, visando exclusivamente difundir um precioso relato pessoal de quem viveu nas primeiras décadas do século XX no bairro Belém Novo, Porto Alegre, RS, Brasil.

Devido à indisponibilidade de novos exemplares físicos, essa forma gratuita de republicação e acesso à obra também tem o objetivo de homenagear e manter viva a memória da autora, falecida em 2010.

Iniciativa, digitalização e diagramação da versão eletrônica:
Renato Pereira Jr.
Revisão:
Andréa Nunes Abel

Publicação exclusiva no website **www.belemnovo.com.br**, autorizada por prazo indeterminado por **Regina Pedroso Lorangi**, filha da autora.

Para acesso à arte final editável, para fins de republicação da obra impressa, contate o administrador do website www.belemnovo.com.br ou diretamente os familiares da autora.

Copyright © Mary Vieira Pedroso

Os direitos de todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados aos herdeiros da falecida autora, e estão registrados e protegidos pelas leis do direito autoral. Esta é uma edição eletrôncia (e-book) não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Este exemplar de livro eletrônico pode ser duplicado em sua íntegra e sem alterações, distribuído e compartilhado para usos não comerciais, entre pessoas ou instituições sem fins lucrativos. Nenhuma parte isolada deste livro, que não seja a presente edição em sua íntegra, pode ser isoladamente copiada, reproduzida, ou armazenada em qualquer meio, ou utilizada para qualquer fim. Este livro eletrônico não pode ser impresso. Os direitos da presente edição permitem exclusivamente a leitura online no website www.belemnovo.com.br ou através de algum programa de leitura de arquivos PDF.